

# O Guia interpretativo

Partilhar o Património com as Pessoas



Thorsten Ludwig





Thorsten Ludwig

**O Guia Interpretativo**

Partilhar o Património com as Pessoas

Bildungswerk  
interpretation



Está disponível um catálogo desta publicação na Deutsche Nationalbibliothek.  
<http://dnb.dnb.de>

O apoio da Comissão Europeia na produção desta publicação não constitui uma aprovação do conteúdo que apenas reflete o ponto de vista do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso de informações abrangidas neste conteúdo.

Bildungswerk interpretation  
Am Rasen 23  
D-37214 Werleshausen  
Tel. +49-(0)5542-505873  
[www.interp.de](http://www.interp.de)

Autor:

Thorsten Ludwig

Título original:

The Interpretive Guide – Sharing Heritage with People

Publicado na Alemanha por:

Bildungswerk interpretation, Werleshausen

Segunda edição, 2015

Edição da versão original: Michael Hamish Glen

Capa e Ilustrações: Philip Rutt

Tradução e edição da versão portuguesa:

Carla Susana Goulart Martins da Silva e Pedro Morais, com o apoio da Interpretare – Associação para a Interpretação do Património Natural e Cultural

- 7 Introdução
- 8 Sobre o HeriQ
- 9 O triângulo interpretativo
- 10 Os quatro ases
- 12 Intérpretes promovem o respeito por todo o património
- 14 Intérpretes transformam fenómenos em experiências
- 16 Intérpretes provocam ressonância nos participantes
- 18 Intérpretes oferecem caminhos para um sentido mais profundo
- 20 Mudar as formações do grupo
- 21 Usar objectos-ajuda (adereços) com moderação
- 22 Aceitar as interferências
- 23 Superar obstáculos
- 24 Expandir o horizonte
- 25 Tornar relevante a sustentabilidade
- 26 Relacionar fenómenos
- 27 Planear e memorizar sequências
- 28 Notas práticas
- 30 Avaliar uma visita interpretativa
- 31 Como proceder?
  
- 33 Anexos
- 34 Ficha de trabalho: conversa interpretativa
- 35 Ficha de exemplo: conversa interpretativa
- 36 Ficha de avaliação: conversa interpretativa
- 37 Mapa mental para uma visita interpretativa
- 38 Conceitos-chave para guias interpretativos

Dedicado aos guias – de parques, museus, centros e outros locais patrimoniais – que progressivamente inspiraram este manual através das suas ideias, testes e opiniões. O seu reconhecimento e o seu sucesso são os motivos para o nosso empenho.

# Introdução

O nosso património europeu é muito vasto: dos templos do sul até aos fiordes do norte, e dos santuários de aves do Danúbio até aos misteriosos círculos de pedras com vista para o Atlântico. Este é o nosso legado. Assegura-nos de onde viemos e ajuda-nos a descobrir para onde nos estamos a dirigir.

Dia após dia, muitos europeus que trabalham como funcionários ou voluntários em áreas protegidas e florestas, locais históricos e museus ou em jardins zoológicos e botânicos, dedicam-se a levar o nosso património natural e cultural para um primeiro plano e a procurar as melhores maneiras de gerir o nosso futuro. A interpretação do património serve para os apoiar. Enquanto abordagem mundial, ela possibilita que os cidadãos se apropriem do seu património partilhado e descubram o “sentido do lugar” dos muitos locais fantásticos deste nosso continente europeu.

A interpretação do património está profundamente ligada à história dos parques nacionais. Em 1957, o jornalista Freeman Tilden escreveu o seu livro de referência “Interpreting Our Heritage” (Interpretando o Nosso Património) para o Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos, onde, pela primeira vez definiu interpretação de património e estabeleceu os respetivos princípios. Na Europa, desde 2010, construímos a nossa própria organização, a Associação Europeia de Interpretação do Património, chamada Interpret Europe, na qual cada vez mais intérpretes profissionais partilham e desenvolvem o seu trabalho.

A interpretação do património utiliza uma variedade de meios, porém a sua melhor forma é quando há um contacto direto de pessoa para pessoa. Por esta razão, as visitas guiadas interpretativas têm um papel preponderante. Este manual foi escrito para ser utilizado por guias de interpretação em toda a Europa. Ao propor exercícios testados e comprovados, que os guias podem executar de modo autónomo e com sugestões para autoavaliação e aprendizagem entre pares com os colegas, este manual apoia os guias a melhorar as suas capacidades e a aumentar as suas competências.

Esperamos que este manual seja amplamente utilizado em parques, museus e em muito outros locais que cuidam do nosso património. Estamos sempre gratos e dispostos a receber qualquer sugestão que possa melhorar as nossas abordagens.



Thorsten Ludwig  
Maio 2015

# Sobre o HeriQ

Este manual foi escrito como sendo parte do projeto Leonardo da EU, HeriQ, um projeto de transferência de inovação iniciado pelos seus parceiros búlgaros e orientado pelo Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos em Sofia.

As organizações com parceria com o HeriQ são:

- ⇒ APARE – Association pour la Participation et l’Action Régionale, França
- ⇒ Bildungswerk Interpretation, Alemanha
- ⇒ Heritage Interpretation Center, Bulgária
- ⇒ Istituto Pangea Onlus, Itália
- ⇒ Mediterranean Centre of Environment, Grécia
- ⇒ National Association for Small and Medium Business, Bulgária

O HeriQ tem origem no anterior projeto Leonardo de formação de pessoal para áreas protegidas TOPAS (*Training of Protected Area Staff*), no qual estavam envolvidas organizações da Itália e da Alemanha que visavam definir os padrões de qualidade para a interpretação do património na Europa. No âmbito do TOPAS, foi desenvolvido em 2003 o curso piloto de Competências de Interpretação Básicas, baseado em ideias do Programa de Desenvolvimento Interpretativo (*Interpretive Development Program*, IDP) do Serviço Nacional de Parques dos EUA. Um dos desafios desse curso do TOPAS foi descobrir quais as experiências com mais de 50 anos de trabalho interpretativo nos EUA que poderiam ser transferidas para a Europa, e onde os intérpretes europeus de património deveriam desenvolver as suas próprias abordagens. Com base no projeto TOPAS foram realizados em diferentes países europeus vários outros cursos, para formar e certificar intérpretes de património em interpretação pessoal e não-pessoal, e em planeamento interpretativo.

Na Alemanha, três organizações nacionais juntaram-se em 2008 para realizar o projeto de formação Parclnterp. Após a realização de cursos-piloto, estas organizações chegaram a um acordo sobre padrões, critérios e competências baseado nos resultados do TOPAS para relacionar a interpretação com a aprendizagem para a sustentabilidade. Por isto, o Parclnterp foi reconhecido como um projeto modelo pela UNESCO.

Em 2013, o projeto HeriQ foi finalmente iniciado, de forma a transferir experiências dos projetos TOPAS e Parclnterp para outros países europeus, focando-se em dois objetivos:

- ⇒ inspirar os intérpretes a atuar como agentes de interpretação, estabelecendo redes de suporte para a interpretação do património para a sustentabilidade
- ⇒ formar e certificar os guias de interpretação que pretendem partilhar o seu património, principalmente com visitantes estrangeiros.

Este manual destina-se a apoiar o segundo objetivo. Faz parte de um pacote de formação e certificação relacionado com o curso certificado de 40 horas do HeriQ para guias interpretativos. O curso inclui trabalhos complementares, bem como exames práticos e teóricos. Pode ser adaptado a diferentes situações, por exemplo, pode ser dividido em até cinco partes, ou ser usado como um módulo no âmbito de uma formação mais abrangente. Já foi testado com sucesso na Bulgária, França, Grécia e Espanha e muitos outros países europeus.

Após a primeira edição em inglês do “The Interpretive Guide” ter sido publicada em 2014, já foi editado em onze outras línguas. Todas as versões e outras informações podem ser descarregadas gratuitamente em <https://interpret-europe.net>.



# O triângulo interpretativo

O que é realmente importante para qualquer experiência interpretativa? Poderíamos assumir que esta questão tem sido colocada há décadas – mas na realidade tem sido há milénios. Desde sempre que as pessoas têm tentado ter acesso mental a lugares e objetos sem terem tido qualquer participação no desenvolvimento deles; bem como sempre tiraram partido de indivíduos, apoiando-os na sua procura por respostas, mesmo que essas pessoas não fossem chamadas de “intérpretes de património”.

Quando as pessoas se deparam com um local ou objeto patrimonial, e quando regressam ao seu quotidiano, será que esse local ou objeto se torna mais significativo para elas? Será que se sentem mais ligadas a ele e será que compreendem que esse elemento está relacionado com as suas próprias vidas e com as suas decisões para o futuro? O que define essa “área mágica” na qual a interpretação do património acontece?

*“Eu interpretarei as rochas, aprenderei a linguagem das cheias, das tempestades e das avalanches. Vou familiarizar-me com os glaciares e os jardins selvagens e chegar tão perto do coração do mundo quanto eu puder.*

John Muir



Sugerimos que há três fundamentos importantes para qualquer processo interpretativo, quando este não é realizado pela própria pessoa:

- ⇒ o local ou objeto a ser experienciado
  - ⇒ as pessoas que o experienciam
- os meios que facilitam a sua interpretação

Estes três fundamentos formam o triângulo interpretativo.

No entanto, a questão mais crucial permanece: o que liga estes três fundamentos? O que alcança o resultado em que os participantes, após uma experiência interpretativa, sentem que esta faz parte da sua vida?

Antes de começarmos a falar sobre os princípios e as competências interpretativas, pode fazer sentido fazer uma pausa e refletir um pouco sobre esta questão.

Exercício: Sentindo o indispensável

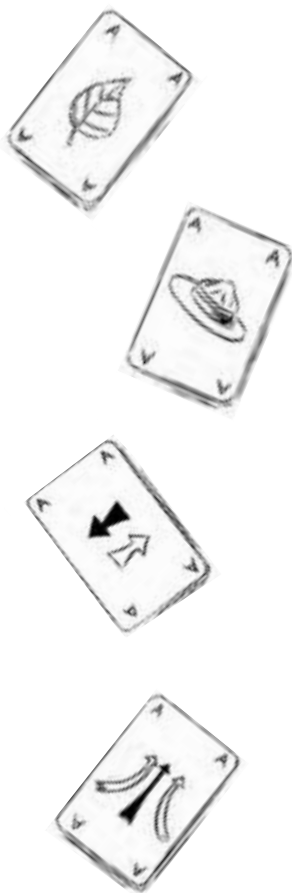
Dividimo-nos em pares que, de forma independente, vão fazer um passeio de dez minutos. Durante o passeio, os participantes de cada par devem debater sobre duas questões:

1. O que eu realmente valorizo na minha vida?
2. Como é que eu valorizo esses aspectos?

Depois de todos regressarem, agrupamo-nos em círculo em volta do cartaz do triângulo interpretativo. Depois começamos a debater, o que nos pode ajudar a unir os três fundamentos.



# Os quatros ases



A ideia do triângulo não é nova nem original. A razão pela qual é utilizada tão frequentemente em interpretação do património, tal como noutras áreas profissionais, é que fornece uma ilustração adequada a vários processos de comunicação.

No entanto, uma parte essencial do triângulo interpretativo encontra-se no centro do diagrama. Um quarto elemento deve-nos chamar a atenção para o que será tão importante que as pessoas comecem a valorizar algo com o qual não tinham antes nenhuma relação próxima.

## A verdade maior

Freeman Freeman Tilden, que já foi mencionado antes, escreveu: “Interpretação é a revelação de uma verdade maior que se encontra por detrás de qualquer constatação de um facto”. A “verdade maior” foi uma forma de descrever a importância que adiciona significado ao fenómeno natural ou cultural no topo do triângulo.

Note-se que é “uma” verdade e não “a” verdade, uma vez que cada fenómeno pode ser interpretado de maneiras diferentes. Pode ter significados diferentes para pessoas diferentes.

Há vários termos para delinear e designar o que a verdade maior de Tilden implica. Não importa o que elaborou no exercício da página 10, o que vai provavelmente perceber é que na maioria dos casos é necessário mais do que factos para ligar uma pessoa a um sítio ou a um objeto. Por esta razão, Tilden descreveu interpretação de património em 1957, na definição mais citada que tem sido usada desde então, como:

“uma atividade educativa que visa revelar significados e relações pelo uso de objetos originais, através de uma experiência em primeira mão e através de meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar informação factual”.

Os princípios de uma boa interpretação do património que daí advêm e que Tilden derivou principalmente da prática de guias experientes que ele estudou, integram-se no nosso curso e neste manual.

## O poder do amor

No nosso contexto, faz também sentido olhar para o centro do triângulo de outro ponto de vista. Podemos perguntar: O que é que um guia interpretativo realmente necessita para unir as diferentes peças?

Uma palavra curta, simples e boa para descrevê-lo pode ser: amor. Pelo menos é o que tem sido sugerido por autores muito diferentes e em tempos muito diferentes.

Um intérprete de património deve definitivamente ter

- ⇒ dedicação aos seus locais ou objetos
- ⇒ dedicação aos seus participantes
- ⇒ dedicação à sua missão

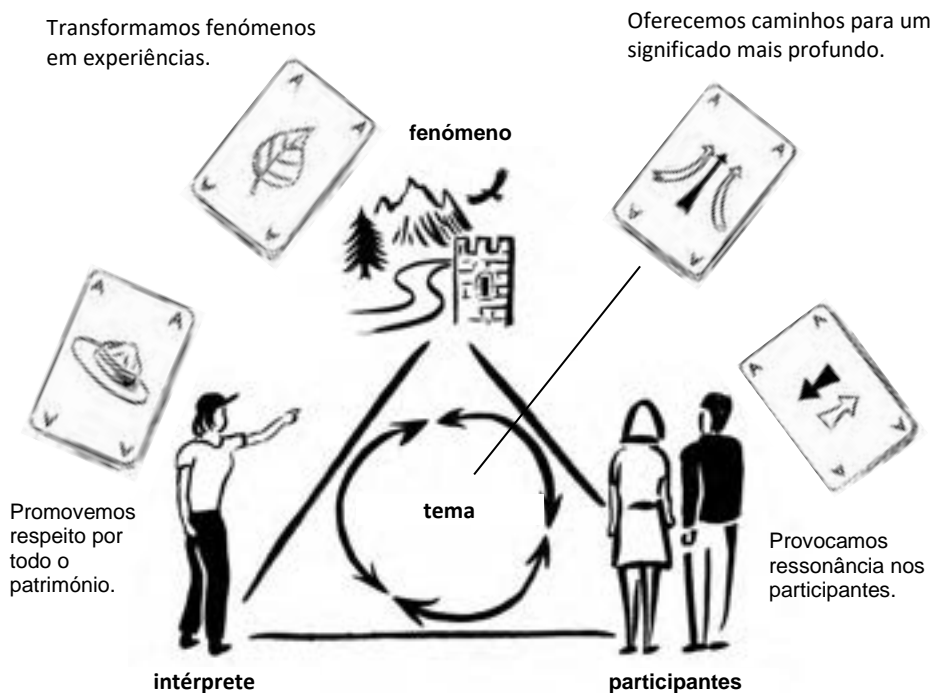
Se alguém se apaixonar realmente por estes três elementos, poderá conseguir a inspiração suficiente para alcançar as competências necessárias para tornar-se um bom intérprete de património.

Assim, quatro elementos estão ligados no triângulo interpretativo. Chamamos a estes quatro elementos os quatro ases da interpretação, e como veremos ao longo deste manual, quatro afirmações podem ser ligadas a estes quatro ases:

- ⇒ transformar fenómenos em experiências
- ⇒ provocar ressonância nos participantes
- ⇒ oferecer caminhos para um significado mais profundo
- ⇒ promover respeito por todo o património

*Suponho que se possa resumir desta forma: deves estar apaixonado pelo teu material, e deves estar em sintonia com o teu próximo.*

Freeman Tilden

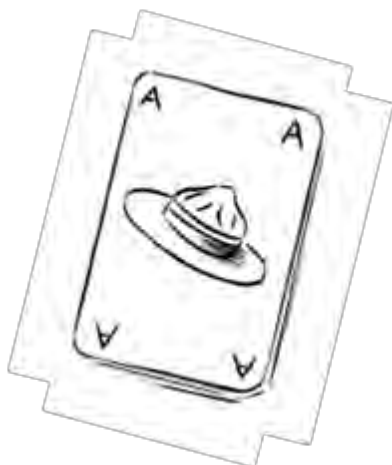


Resumindo, trabalhar com o triângulo interpretativo significa procurar significados mais profundos, os quais expressamos em declarações denominadas “tema”, e que estão situados no centro do diagrama – mas atribuindo também a mesma dedicação a cada um dos seus três fundamentos. Caso contrário, o elevado potencial que o património oferece para uma aprendizagem não formal pode perder-se.

Um curador dedicado exclusivamente à sua tarefa de conservação pode não encontrar a relação certa com o mundo próprio dos visitantes do museu. Um gestor de turismo ou operador turístico que se foca apenas no facto das pessoas terem umas férias felizes pode não perceber que as suas experiências podem realmente inspirar os participantes. Um presidente de uma câmara municipal encantado com a apresentação da sua pequena cidade pode ter tendência a perder a perspetiva geral. Profissionais diferentes abordam a interpretação do património a partir de direções diferentes e, portanto, podem enfrentar desafios diferentes. Não há nada de estranho nisso: todos conhecemos áreas em que nos sentimos à vontade, e outras em que primeiro precisamos de as tornar compreensíveis para nós próprios. As actividades de formação mais interessantes são aquelas em que participam pessoas de diferentes profissões, sendo oportunidades onde todos nós podemos aprender uns com os outros.


Estas foram algumas das primeiras considerações sobre o triângulo interpretativo, modelo no qual se baseia o curso para guias interpretativos do HeriQ. Nas páginas seguintes, os quatro ases serão descritos com maior detalhe, e serão sugeridos exercícios para torná-los mais aplicáveis ao trabalho dos participantes.

# Os intérpretes promovem o respeito por todo o património



*... a proteção através da apreciação, a apreciação através da compreensão, e a compreensão através da interpretação.*

Conrad Wirth

 Centro de Pesquisa de Interesse Público  
**The Common Cause Handbook**  
Machynlleth (2011)  
Download gratuito em:  
[www.commoncausefoundation.org](http://www.commoncausefoundation.org)

## Tornarem-se embaixadores

Como guias interpretativos, a trabalhar numa paisagem protegida, num local histórico ou cultural, num museu ou num jardim zoológico, somos embaixadores e defensores do património. Proteção é uma ideia chave na interpretação do património. O chapéu de guarda-florestal na carta à esquerda simboliza a nossa preocupação por tudo o que devemos respeitar e proteger como património, seja algo tangível como um prado alpino ou uma catedral gótica, ou intangível como o aroma das flores da montanha após uma chuva ou o canto gregoriano a ecoar nas abóbodas de uma catedral.

## Qual é o nosso património?

Obviamente, o património tem que ver com o que as pessoas querem salvaguardar, com o que elas querem herdar das gerações passadas – e, portanto, com o que elas valorizam. Pessoas diferentes podem atribuir valores diferentes ao património, de acordo, por exemplo, com a sua idade ou o seu contexto cultural e social; e o valor do património pode mudar ao longo do tempo. O património pode ser definido como tal por uma única pessoa, por uma família, por uma comunidade local, por um estado ou até mesmo por uma comunidade de estados. Património Mundial significa que as Nações Unidas concordaram que é do interesse de toda a humanidade que uma característica específica seja preservada para as gerações futuras.

## Chegar ao cerne da questão

Guias interpretativos de todo o mundo partilham a sua dedicação para inspirar os participantes através do seu património. Interpretar o património pode significar compreender como funcionam características únicas; por exemplo, como uma velha rede de pesca foi usada e de que material foi feita. No entanto, a verdadeira interpretação do património começa quando estas características abrangem um significado mais profundo, onde a experiência toca um “enquadramento profundo” – por exemplo, como toda a vida da família do pescador esteve ligada a essa simples rede. Trabalhar com enquadramentos como parte dos temas interpretativos (pág. 18) é crucial para o valor da interpretação do património – mas abordar valores também aumenta a responsabilidade do guia interpretativo. A Rede internacional de Causas Comuns (International Common Cause Network) disponibiliza imenso material útil sobre como usar os valores e os enquadramentos de uma forma responsável.

## Interpretação sensível

Este é o último tópico sério antes de chegarmos aos aspetos mais envolventes da nossa profissão. Decidir conscientemente o que é património é um processo intelectual; mas, como podemos ver, património e interpretação do património também provocam muitas emoções. Locais de património variam desde locais atrativos, tais como um pitoresco vale fluvial, passando por locais onde houve um impacto na própria cultura, como uma igreja construída sobre as fundações de uma antiga mesquita – até locais que estão cheios de tragédia, tal como uma paisagem que parece estar destruída para sempre ou as ruínas de um campo de concentração. É um indicador de abertura de espírito se locais ou objetos controversos se tornam património protegido. E, embora alguns desses locais possam colocar-nos um enorme desafio como guias interpretativos, salienta-se o papel crucial que a interpretação do património pode desempenhar em termos de aprender com o passado para o futuro.

## Ser pessoal

A nossa própria personalidade apresenta alguma importância na orientação da interpretação – especialmente para guias, que cresceram na área onde trabalham e cujas vidas estão interligadas com o seu ambiente natural ou cultural. Experiências pessoais e memórias são frequentemente mais emocionantes para os participantes do que informação factual. E a impressão pessoal que nós, como guias, deixamos nos nossos participantes contribui significativamente para o sucesso de uma conversa ou visita interpretativa.

## Inspiração em vez de instrução

Como guias interpretativos, a nossa tarefa não é ser um instrutor ou afirmar facto após facto. Em vez disso somos facilitadores, fornecendo novas perspetivas aos nossos participantes, estando prontos a partilhar experiências e a encorajá-los a descobrir mais por eles próprios. Isto inclui questionar as nossas próprias perspetivas, por um lado para provocar reflexão nos nossos participantes – e, por outro lado, para também nós aprendermos mais. Como guias interpretativos somos também aprendizes.

## Estar familiarizado com diferentes papéis

De forma a criar um agradável ambiente de aprendizagem, devemos ser capazes de desempenhar diferentes papéis. Os guias interpretativos discutem, ouvem e mediam, eles explicam, inspiram e encorajam, eles podem aumentar a tensão ou provocar relaxamento, e eles apoiam sempre os seus participantes no deslumbramento destes perante novas revelações. Como guias interpretativos, criamos uma pequena atuação, uma dramatização memorável que fortalece as mensagens e as memórias.

*As pessoas não mudam as suas vidas com base em factos. Elas mudam-na com base numa experiência, num contato íntimo que têm com alguém em quem confiam.*

Alan Atkisson

Exercício: Representando diferentes papéis

Escrevemos um tópico no início de cada cartão de facilitação (cerca de dez): os termos podem ser “viagem”, “luz”, “ruído”, “tédio”, “início”, etc. Depois preparamos vários chapéus de papel escrevendo uma função em cada, por exemplo, “professor”, “mediador”, “narrador”, “advogado”, “animador”, etc. Um de nós tira à sorte um “cartão de tópico” e um “chapéu”, e apresenta o tópico envolvendo os outros na função relacionada com esse chapéu. Depois de algum tempo, outra pessoa escolhe outro chapéu, representando uma nova função papel até que todos os chapéus tenham sido usados. Outra versão do exercício

**Outra versão deste exercício é colocar os chapéus em “ilhas” individuais marcadas por círculos feitos com fio.** Isto dá a oportunidade de saltar de uma ilha para outra aquando da apresentação dos tópicos.

Finalmente, o exercício pode ser feito dividindo os participantes em grupos de dois ou três. Um grupo tira um chapéu de papel (ou apenas uma carta de papel) sem que os outros saibam qual o papel que o grupo representa. O grupo procura então por um objeto e após algum tempo começa a apresentar esse objeto de acordo com o seu papel (mas sem o chapéu) enquanto os outros têm de adivinhar qual o papel que o grupo está a representar.



## Superar os pontos fracos

Uma marca de sucesso, uma exigência para qualquer trabalho bem-sucedido, é estar ciente dos seus próprios pontos fracos, lidar abertamente com eles, mas também compreendê-los como desafios para aprender. Isto também é verdade para os guias interpretativos. Em todas as visitas interpretativas, devemos procurar alcançar um único objetivo – e fazer uma auto-avaliação, imediatamente após a visita, de quão bem alcançámos esse objetivo.

# Intérpretes transformam fenómenos em experiências



*Não tente satisfazer a sua vaidade ensinando demasiadas coisas. Desperte a curiosidade das pessoas. É o suficiente para abrir mentes; não os sobrecarregue.*

*Coloque lá apenas uma faísca. Se lá houver alguma coisa boa inflamável, ela irá pegar fogo.*

Anatole France

## Ajudar objetos e incidentes a ganhar vida

No cerne de qualquer atividade interpretativa há agradáveis experiências em primeira mão com elementos autênticos do património. Para salientar o seu valor, chamamos fenómenos a esses elementos. Podemos observar todos os fenómenos com os nossos sentidos, sejam eles objetos tangíveis como árvores, pinturas ou casas, ou intangíveis como danças, canções ou um nascer do sol. Como guias interpretativos, tentamos abordar tópicos apenas onde e quando eles podem ser vistos, onde os destacamos como itens individuais. Por exemplo, não lidamos com igrejas góticas de uma forma genérica olhando para uma delas como uma única representação de um período arquitetónico, relacionamos sempre o exemplo particular que podemos ver com a sua história e as suas qualidades específicas.

Assim, a interpretação de um fenómeno, por exemplo, numa reserva natural será diferente na Primavera e no Outono, e será diferente à luz do sol ou à chuva. Experienciar um local ou objeto em primeira mão, isto é, ter contacto direto com o fenómeno, é o às de espadas do baralho de qualquer atividade interpretativa. Até mesmo um artefacto danificado encontrado ao acaso durante uma visita interpretativa é normalmente uma experiência mais marcante do que uma réplica perfeita ou uma imagem que o guia traga no bolso. Quanto mais um guia estiver familiarizado com a descoberta de objetos ou eventos inesperados (mas talvez previsíveis com a experiência), melhor guia será.



Exercício: Realçar a singularidade de um fenómeno

Dividimo-nos em quatro grupos, em que cada um aborda um de quatro fenómenos que parecem muito semelhantes à primeira vista, por exemplo, quatro árvores à beira da estrada com idade e crescimento semelhantes. Cada grupo investiga as características do seu fenómeno em comparação com os outros. No final, cada grupo apresenta o seu fenómeno, **expressando claramente a sua própria "personalidade"**.

## Entusiasmos escondidos

O clarão de um relâmpago racha um pinheiro e um fungo espalha-se ao longo da fenda por um dos lados. O grupo, conduzido para o outro lado da árvore, não consegue ver nada de especial nisso. No entanto, rapidamente descobrem a área danificada com surpresa. Tais revelações podem também ser criadas usando sons ou odores inesperados. Revelações fazem com que a visita interpretativa se torne apelativa.



Exercício: Revelar segredos

Num local de interesse patrimonial, por exemplo, num museu ao ar livre, cada um de nós **procura fenómenos que abarcam "segredos"**. Depois, um de nós guia os outros até esse fenómeno, criando expectativa e, de repente, revelando uma característica escondida da forma mais dramática possível.

## Selecionar a partir de uma variedade de pontes de comunicação

Com o triângulo interpretativo em mente, falamos figurativamente de "pontes" quando se trata de elementos comunicativos que ajudam os nossos participantes a aproximarem-se do fenómeno. Qualquer explicação pode ser uma dessas pontes, e numa saída de campo ou visita a um museu com especialistas, esta pode ser suficiente. Mas para uma atividade destinada a um público geral, dar muitas explicações detalhadas normalmente não é o mais adequado. Por esta razão, os guias interpretativos equipam-se com uma ampla variedade de pontes de comunicação, cada uma adequada ao grupo bem como ao fenómeno.

Formas de contar a sua história: pontes de comunicação metodológicas para os fenómenos

- ⇒ explicação
- ⇒ descrição (observação)
- ⇒ narrativa (fio condutor de aventura, conto de fadas, lenda, piada)
- ⇒ expressão através de uma arte performativa (poesia, rima, canção, música)
- ⇒ estimulação da percepção sensorial
- ⇒ estimulação da imaginação (por exemplo, através de formas de rochas ou árvores)
- ⇒ demonstração
- ⇒ ilustração (fotografia, desenho, estatística)
- ⇒ investigação (experiência)
- ⇒ jogo (também representar personagens)



Neste ponto, torna-se evidente que algumas pontes de comunicação são mais apelativas para uns participantes do que para outros. Este fator importante, que iremos fundamentar mais à frente, é também influenciado pela escolha das palavras.

#### Fixar os fenómenos no mundo nos nossos participantes

Formas de envolver a sua audiência: pontos de partida retóricos para fenómenos

comparação	Esta cerâmica é tão fina como um pergaminho.
exemplo	Nesta rota, o vidro era uma das mercadorias transportadas.
sentido figurado	Estes vasos antigos têm orelhas grandes.
mudança de perspectiva	<b>Se fôssemos os produtores de carvão...</b>
humanização	<b>... e então o besouro pensa...</b>
contraste	Alguns trabalhavam em casa, outros passavam o dia todo nesta fábrica.
contradição aparente	Esta madeira morta está viva!
citação	A pobreza é mãe do crime, como supostamente disse Aristóteles.

Exercício: Abordar um fenómeno através de pontos de partida

Escrevemos os pontos de partida listados nas duas caixas anteriores em cartões de facilitação individuais, procuramos um objeto de património e colocamos os cartões entre nós e o objeto. Depois de algum tempo, todos os participantes escolhem um cartão e, assim que todos os cartões forem escolhidos, cada um explica o exemplo de um ponto de partida que ele/ela escolheu; por exemplo, sulco na rocha → citação → Pingos constantes desgastam a pedra (Choerilus of Samos).



#### Considerar o panorama geral

Vivenciar objetos originais ou locais únicos não significa que não se possam enquadrar num contexto mais geral. Por vezes até referências globais fazem sentido (pág. 20-21), e usá-los como um exemplo de promoção do nosso património é aceitável, desde que a interpretação permaneça focada no fenómeno.

#### Conversas e visitas

Quando revelamos alguns dos segredos de um fenómeno, permanecendo no mesmo local durante cinco a dez minutos, por exemplo na entrada de uma antiga fortaleza, chamamos a isso uma conversa interpretativa. Conversas interpretativas são o cerne do papel do guia. Exposições muito visitadas e locais populares onde novos visitantes chegam continuamente proporcionam grandes possibilidades para se familiarizarem com esta abordagem; por exemplo, realizando uma conversa interpretativa semelhante no mesmo local, a cada hora. Visitas interpretativas consistem em várias conversas interpretativas. Todas as abordagens de interpretação pessoal nunca devem ser um monólogo; devem sempre envolver os participantes.



# Intérpretes provocam ressonância nos participantes



*Enquanto eu estiver a falar, não experimentarei nada de novo.*

Marie von Ebner-Eschenbach

## Estar ciente das vantagens de ser guia

O primeiro princípio da interpretação diz que precisamos de relacionar os fenómenos com a personalidade dos nossos participantes. Para este efeito, é útil saber algo sobre eles e sobre o seu historial e experiências anteriores. Ser capaz de descobrir e responder a isso é uma das grandes vantagens que um guia tem sobre um painel interpretativo ou um módulo multimédia.

## Alcançar os participantes

Para provocar ressonância e alcançar o diálogo, primeiro precisamos de “entrar em contacto” com os nossos participantes. Relembrando o triângulo interpretativo, podemos usar a ideia de pontes de comunicação novamente – mas agora falamos de pontes de comunicação entre guias e participantes.

- ⇒ Formas de se relacionarem uns com os outros: pontes de comunicação dos guias para os participantes
- ⇒ compreensibilidade (linguagem e conteúdo)
- ⇒ contacto visual (também avaliando reações)
- ⇒ estar voltado para os participantes e usar uma linguagem corporal apropriada
- ⇒ humor (com cuidado!)
- ⇒ mente aberta (por exemplo, capacidade de se desviar de ideias pessoais)
- ⇒ apresentarem-se e usar os nomes dos participantes
- ⇒ ouvir para aprender mais (então, está aqui muitas vezes?)
- ⇒ detetar e captar interesses e opiniões semelhantes
- ⇒ fazer referência a amigos ou grupos ligados aos participantes
- ⇒ fazer referência ao mundo dos participantes (trabalho, família, passatempos, etc.)

Os guias interpretativos têm um impacto através do que dizem e como o dizem. Ser guia baseia-se em comunicação e em falar em público. Ambas as competências podem ser melhoradas em formações nestas áreas. Estes dois exercícios são exemplos deste campo de competências.



Exercício: Expressar o estado de espírito de cada um

Pegamos numa declaração neutra (por exemplo, no Outono muitas aves vão para o sul) e preparamos pequenos cartões, cada um com um adjetivo descrevendo um estado de espírito (por exemplo: deprimido, tímido, arrogante). Depois, cada participante tira um cartão à sorte e diz a mesma declaração no respetivo estado de espírito, enquanto os outros tentam perceber qual é.

Exercício: Representar uma cena sem palavras

Desenvolvemos uma história simples (por exemplo, caminhando por uma paisagem) por meio de ações (por exemplo, fazer a mochila ou procurar direções) e escrevemos cada cena em cartões numerados. Todos os participantes recebem um destes cartões. À vez, eles apresentam a sua cena através de linguagem corporal; nenhum som é permitido. No fim, a história é reconstituída e o grupo pondera qual a cena mais bem representada e como.

## Iniciar uma conversa

Já foi dada alguma atenção à forma como tornar uma apresentação mais atractiva. No entanto, o às mostrado no baralho nesta página apresenta duas setas, simbolizando diálogo. O guia necessita de passar rapidamente de “dar uma palestra” para uma conversa real com os participantes. É difícil “trazer de volta à vida” um grupo que se conformou a ficar no papel de ser apenas recetor.



## Entrar no mundo dos nossos participantes

Uma troca de palavras pode resultar de experiências comuns que levantam questões ou de questões colocadas pelo guia. As questões abertas são particularmente úteis. Questões abertas são aquelas que provocam diferentes respostas dependendo da experiência dos próprios participantes, em vez de apenas sim ou não. Por exemplo, “De que outras regiões da Europa esta paisagem lhe faz lembrar?”. As várias respostas muitas vezes proporcionam boas oportunidades para uma conversa.



### Exercício: Colocar questões abertas

Dividimo-nos em grupos, cada um escolhe um fenómeno e prepara-se para abordar esse fenómeno:

- ⇒ uma questão de foco (a resposta requer contacto direto com o fenómeno); p. ex. “A que soa este caco de vaso quando lhe bates ao de leve?”
- ⇒ uma questão de transferência (que pede relações com o mundo dos participantes); p. ex. “Onde é que já viram este tipo de cerâmica?”
- ⇒ uma questão de processo (que procura descobrir como algo pode acontecer); p. ex. “Sob que condições é que estes vasos duram tanto tempo?”
- ⇒ uma questão de avaliação (que necessita suscitar uma opinião); p. ex. “A cerâmica enterrada deve ser escavada, ou deve ficar onde está?”

Em seguida, cada um dos grupos inicia um diálogo com os restantes, discretamente incorporando as quatro questões. Depois disso, comparamos as nossas descobertas.



Questões fechadas têm apenas uma resposta predeterminada (por exemplo, “Qual é o nome deste estilo arquitetónico? Alguém sabe?”). Apesar das repostas poderem ser utilizadas para fornecer explicações, este tipo de questões deve ser colocado o menos possível, uma vez que tendem a resultar num ensino formal.

## Envolver toda a pessoa

Os guias interpretativos abordam sempre a cabeça, o coração e as mãos. Aquilo com o que as pessoas podem ter empatia, e o que elas dizem e fazem por elas próprias, ajuda-as a absorver a experiência mais profundamente do que quando apenas ouvem ou vêem.

A primeira etapa de ativação pode ser uma demonstração onde participantes individuais estejam envolvidos (“Podes por favor segurar neste ramo?”). Ser útil é algo aliciante para a maior parte das pessoas. Outro incentivo é procurar algo, por exemplo, uma planta ameaçada ou um elemento de estilo arquitetónico.

A segunda etapa, participação real, vai mais longe. Ela proporciona a oportunidade de determinar o progresso de uma atividade. Esta noção de participação, que tem um papel muito importante na aprendizagem contemporânea, tem sido realçada como sendo essencial para a interpretação do património há mais de 50 anos. Se as pessoas participam estão mais envolvidas na sua totalidade. Por exemplo, os visitantes das ruínas de uma *villa* romana mostram o seu interesse num aspeto particular da vida de uma família, então o guia mostra-lhes as estruturas relacionadas com esse aspecto.

*É apenas com o coração que  
podes ver devidamente;  
o que é essencial é invisível  
aos olhos.*

Antoine de Saint-Exupéry

A participação provoca ressonância. No entanto, um desafio da participação pode ser o facto de o decorrer de uma atividade interpretativa não poder ser previsto em detalhe. Nas próximas páginas explicamos como lidar com esta incerteza.

# Intérpretes oferecem caminhos para um sentido mais profundo



*Factos científicos precisam de histórias encantadoras para conquistar o afeto das pessoas.*

*Neste caso, o mito não está lá para competir com a verdade, mas para fazer ligações com o que é importante para as pessoas e o que as faz sonhar.*

Denis Guedj

## Um tema

- ⇒ é uma frase curta
- ⇒ faz pensar
- ⇒ segue uma única ideia
- ⇒ identifica a questão
- ⇒ pode ser experienciado no local
- ⇒ relaciona-se com o mundo dos participantes
- ⇒ pode funcionar como um farol



## O tema interpretativo

Se observarmos intérpretes experientes a fazer o seu trabalho, ficamos impressionados pela facilidade e concisão das suas conversas e visitas interpretativas. O segredo está na capacidade de condensar histórias longas em temas apelativos cativantes. Os temas são um dos elementos mais importantes da interpretação. Eles ligam os três fundamentos do triângulo interpretativo, eles despertam imagens interiores e dão ao evento uma direção clara de uma forma estimulante. Mas eles também viram do avesso alguns conhecidos processos tradicionais da educação formal.

## Procurar temas relevantes

Ao preparar uma visita, alguns guias tendem a focar-se em tópicos e factos. Na interpretação, este foco é alterado para temas e significados. Isto não significa que os factos não sejam importantes – porque o são. Mas estão organizados de uma forma diferente – à volta de um tema. Desta forma, podem ser lembrados mais facilmente. Um tema representa um significado mais profundo que se relaciona com a natureza do fenómeno, bem como com o contexto e experiência dos participantes.

### Exemplos de formulação de temas

- ⇒ Esta minúscula semente contém uma árvore gigante. (Semente de pinheiro)
- ⇒ A mulher do agricultor nunca pendurou este vestido num guarda-roupa. (Vestido esfarrapado)
- ⇒ Esta cesta precisa de pouco material, mas de muita habilidade. (Cesto de palha antigo)
- ⇒ Aqui estamos no fundo de um mar antigo. (Laje de arenito)
- ⇒ Esta terra marginal torna a sobrevivência num desafio. (Terreno baldio estéril)

Os temas são histórias de apenas uma frase, que podem ressoar nas experiências dos nossos participantes. Como nos exemplos acima, eles relacionam-se diretamente com o fenómeno (se não constituírem a base para a visita interpretativa como tema principal; ver pág. 22).

## Como funcionam os temas

Vamos usar uma pequena semente – que contém o que virá a ser uma árvore enorme – como exemplo. A árvore é um fenómeno: podemos ver, ouvir, tocar, cheirar ou provar. O que não podemos experienciar é o processo de crescimento; assumimos que tal é um facto. No entanto, saber que uma árvore pode crescer não nos afeta muito profundamente. Mas assim que percebemos que algo tão discreto cresce até algo tão impressionante, é isso que tem um significado mais profundo para nós. Estamos familiarizados com este padrão nas nossas vidas, e isso desencadeia emoções e valores – neste caso talvez admiração e a ideia de desenvolvimento pessoal. Como resultado, essa simples semente de repente tem significado para nós, e sentimo-nos ligados a ela.

Fenómeno	Facto	Significado
Esta semente de pinheiro	irá crescer	de algo discreto até algo impressionante.

### Exercício: Distinguir factos de significados

Espalhamo-nos por uma área, cada um de nós à procura de um pequeno objeto que desperte em nós alguma reação. Recolhamos os nossos objetos num pedaço de pano e observamo-los, ponderando a questão: “O que é isso?”. Depois cada um passa o seu objeto aos outros, explicando o significado que ele tem para si (por exemplo, uma pena de pássaro mastigada despertou compaixão). Juntos, salientamos a diferença entre facto (“O que é isso?”) e significado (“O que é que isso desperta em mim?”).

### Detetar conceitos universais

Os significados são, em primeiro lugar, individuais, mas alguns deles são partilhados por quase todas as pessoas. Estes são chamados conceitos universais – como nascimento e morte, ou como liberdade e cativo. Os temas, incluindo os enquadramentos profundos (pág. 12), que são universais funcionam quase sempre. Eles desencadeiam algo em toda a gente, mesmo que não tenham o mesmo significado para cada pessoa. Mas os conceitos universais são também de alguma forma permutáveis e, portanto, tendem a ser superficiais se usarmos os mesmos com demasiada frequência, e se não nos certificarmos de que a sua importância e o seu significado específico para o local ou objeto original seja óbvio.

	Esperança	
		Valentia
Tragédia	<b>Conceitos Universais</b>	Mudança
Humilhação	Cuidar	Fé

### Animar o inanimado

Para a maioria dos nossos participantes, plantas (especialmente plantas em flor) são mais atrativas do que rochas, e animais (especialmente os mais jovens) são mais apelativos do que plantas – enquanto pessoas (especialmente crianças) são mais envolventes para a maioria de nós. Os fenómenos menos atrativos recebem mais atenção se estiverem ligados a algo mais apelativo. Por exemplo, um pedaço de cerâmica tende a ser muito mais interessante se tiver uma história empolgante acerca da sua descoberta ou de que o vaso representava na cultura antiga.

Exercício: Relacionar objetos com histórias

Num saco, recolhemos tantos objetos do dia-a-dia quantos membros do nosso grupo. Sentamo-nos num círculo e alguém pega no saco. Essa pessoa tira um dos objetos ao acaso, contando uma história que o torne apelativo para o grupo. Desta forma, o saco é passado por todos. Se alguém não conseguir elaborar uma história, põe o objeto no centro e tira outro. Os objetos no centro serão utilizados no fim. Atenção: Na interpretação nunca inventamos histórias que não são apoiadas em factos, a não ser que o salientemos explicitamente.



### Entender os temas como sendo faróis

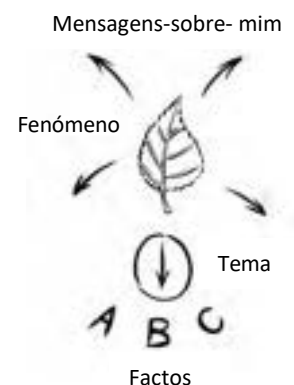
O tema não nos ajuda apenas por facilitar a relação entre os nossos participantes e o nosso fenómeno, é também uma ferramenta organizacional. Como um farol que guia o percurso de um navio, o tema é o único elemento que não deve mudar durante uma conversa interpretativa. Isto permite aos participantes experienciar o fenómeno, expressando o significado que possui para eles, sem se correr o risco de perderem o foco. Usando novamente a metáfora do farol: Devido aos ventos e correntes, raramente nos aproximamos de um farol em linha direta, mas mantemo-lo sempre à vista.

Exercício: Significados em poucas palavras

Em nosso redor, cada um de nós procura um fenómeno que nos interesse particularmente e levamos cerca de dez minutos a desenhá-lo num cartão de facilitação. Depois disso, dois participantes juntam-se, trocam os seus cartões, inspecionam o objeto um do outro e descrevem porque esse objeto os impressionou. Seguidamente separam-se durante outros dez minutos, sentando-se e resumindo o que ouviram numa única, curta e esperta frase. Depois disso, todos nos reunimos outra vez, guiando-nos uns aos outros de fenómeno em fenómeno sem falar, apenas dizendo estas únicas frases. Finalmente, consideramos qual a frase que melhor poderia ser usada como um tema para um discurso interpretativo.

Exercício: Descobrir temas através de mensagens-sobre-mim

Todos nós enfrentamos um fenómeno e consideramos o que ele nos pode contar sobre si mesmo. Escrevemos essas "mensagens-sobre-mim" (por exemplo, de uma enorme rocha: "Um glaciar trouxe-me até aqui") em pedaços de papel e colocamo-los num local apropriado em torno do fenómeno. Depois ponderamos qual a mensagem-sobre-mim que pode ser mais adequadamente transformada num tema, qual a história mais convincente que pode ser contada desta forma e que factos podem apoiar essa história.



# Mudar as formações do grupo

## Formar o triângulo no local

Na interpretação, a disposição do grupo em locais e objetos patrimoniais é chamada “formação”, e há cerca de meia dúzia dessas formações. O princípio mais importante é: O intérprete não deve permanecer entre o fenómeno e os participantes – a não ser que ele/ela esconda o fenómeno de forma a revelá-lo mais tarde. Na maioria dos casos, é melhor se fenómeno, intérprete e participantes formem fisicamente o triângulo interpretativo que é explicado na página 9.

## Proporcionar uma formação adequada ao grupo

Os participantes precisam de tempo e de espaço para chegar ao respetivo fenómeno e encontrar o seu lugar. Na visita, o intérprete geralmente anda uns passos à frente, espera até que o grupo tenha assumido a sua posição e depois procura a melhor localização para si próprio. Este é um processo que o grupo normalmente não repara. Apenas raramente – se o grupo está em risco ou se a formação/distribuição dos vários elementos não for alcançada, apesar de ser muito importante para a interpretação – o intérprete necessita de direcionar os seus participantes, por exemplo, para recuar, alinhar ou formar um círculo. Uma formação adequada é um critério importante quando selecionamos um fenómeno.

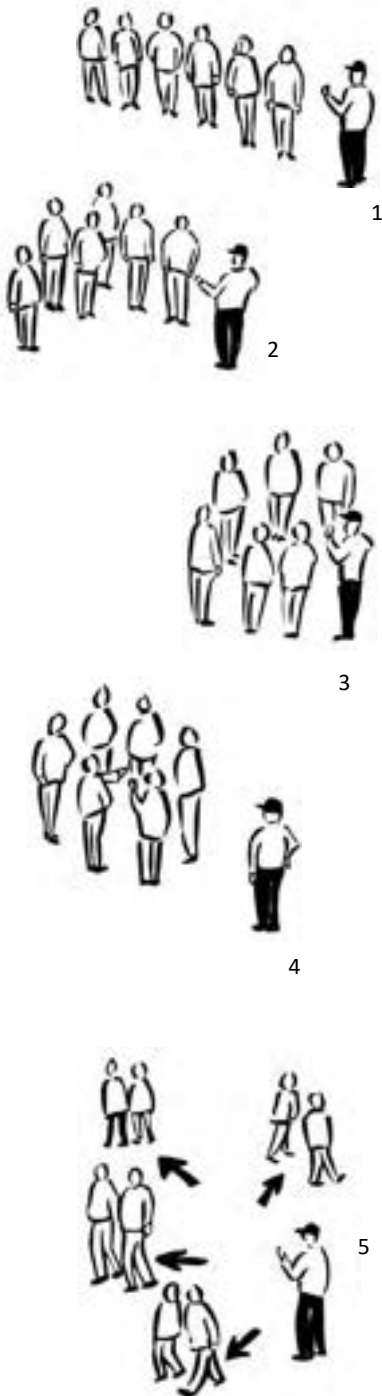
## Usar formações diferentes

Todas as formações têm vantagens e desvantagens. A formação linear (Fig. 1) tem imensas desvantagens, mas pode ser inevitável – por exemplo num caminho que passa por uma encosta com uma vista deslumbrante, numa varanda com vista para uma cidade, num cais onde podem ser vistos caranguejos abaixo da superfície da água, ou no sopé de um penhasco onde podem ser detetados fósseis numa parede de rocha. Se possível, nestes casos o grupo deve ser informado antecipadamente numa localização mais apropriada.

Nenhuma formação deve dominar uma visita interpretativa. No entanto, a formação didática (Fig. 2) muitas vezes o faz. Aqui, o grupo está focado no intérprete o que simplesmente resulta de o facto de este estar a falar. Se ele/ela se colocar ao lado do fenómeno claramente visível, o grupo irá formar o terceiro vértice do triângulo por si próprio.

Uma forma de mudar o foco do intérprete para outros membros do grupo é usar a formação de conferência (Fig. 3). Isto normalmente resulta de um diálogo do qual o fenómeno faz parte ou, onde possível, este é o foco. Esta formação desenvolve-se automaticamente quando se traz um pequeno objeto, por exemplo uma ponta de flecha pré-histórica, para a frente.

Se o intérprete se afasta do círculo, facilitando o diálogo atrás de si, a formação tutorial (Fig. 4) será o resultado. Finalmente, é possível dividir o grupo dando aos participantes diferentes tarefas (por exemplo, procurar ou monitorizar), pedindo-lhes que o relatem posteriormente: a formação de tarefa individual (Fig. 5). As formações são influenciadas pelo espaço disponível e pela situação no local (riacho, desobstrução, etc.). Quanto maior for o grupo, menos oportunidades tem o intérprete. Como já referimos, durante cada conversa interpretativa é bom mudar a formação pelo menos uma vez. Com o exercício “Revelar segredos” (pág. 14), tal pode ser alcançado.



### Selecionar conscientemente os adereços

Existem inúmeras maneiras de “conjurar” objetos necessários de malas e mochilas durante uma visita interpretativa. O critério de seleção mais importante é que eles apoiem o fenômeno e o seu tema – e não os apresentar só pelo seu interesse próprio.

Uma vez que os adereços podem ser mais fiáveis do que o fenômeno no local, tal é um risco constante. Por exemplo, painéis montados em frente de locais ou objetos podem fornecer orientação (por exemplo, se contêm mapas), mas podem também distrair do encontro imediato com locais e os seus fenômenos.

Os adereços podem criar efeitos agradáveis, mas devem ser usados com precaução. Nem tudo o que está preparado para um caso de emergência precisa de ser usado, e nem todos os efeitos lúdicos no grupo vão garantidamente apoiar o fenômeno.

## Usar objectos-ajuda (adereços) com moderação

### Objectos-ajuda /Adereços

- ⇒ Objectos-ajuda tornar algo mais visível (p. ex., binóculos, lupas)
- ⇒ enquadrar o campo de visão (p. ex., pequenas molduras)
- ⇒ focar a vista (p. ex., olhar através de tubos)
- ⇒ permitir novas perspectivas (p. ex., espelhos)
- ⇒ confundir os sentidos (p. ex., vendas para os olhos, tampões para os ouvidos)
- ⇒ assinalar ou ligar (p. ex., bandeiras, cordas)
- ⇒ proporcionar percepções (p. ex., facas para cortar ou levantar casca de árvores)
- ⇒ explicar características (p. ex., diagramas e gráficos)
- ⇒ tornar processos mais perceptíveis (p. ex., modelos, imagens históricas)
- ⇒ ampliar experiências (p. ex., produtos como resina, sidra, farinha)
- ⇒ estimular a imaginação (p. ex., aquarelas em painéis)



### Digressão: Interpretação teatralizada como uma forma especial de guiar visitas

Os adereços em interpretações teatralizadas com roupas e adereços de época, que são utilizados frequentemente em visitas históricas, são de particular importância. Ao interpretar personagens vestidos com traje de época, os participantes vêem as coisas através dos olhos dessas personagens, imergindo-se noutra era e estabelecendo relações mais profundas.

Distinguimos interpretação teatralizada na primeira pessoa (onde o ator é a personagem) de interpretação teatralizada na terceira pessoa que é descritiva e mais habitual numa visita interpretativa, onde o intérprete está fantasiado apenas para efeito: a personagem não é realmente interpretada, mas meramente explicada pelo uso dos adereços.

Na interpretação teatralizada – na primeira pessoa – o intérprete comporta-se consistentemente como a personagem o faria no seu período. Isto significa que ele/ela precisa de conceber essa personagem com antecedência: seja a estudar as biografias de uma pessoa conhecida para ser a personagem, ou estabelecer uma personagem fictícia desse tempo: a pensar como essa pessoa possa ter vivido, quantos filhos terá tido, quais seriam as suas maiores preocupações, amigos, inimigos, etc. Responder a questões dos participantes significa envolvê-los no drama e requer competências teatrais e de improviso. Por esta razão, a interpretação na primeira pessoa é frequentemente usada apenas brevemente durante uma visita interpretativa convencional, por exemplo, se um produtor de carvão está a demonstrar o seu trabalho durante uma visita através de um museu ao ar livre.

Para possibilitar perspectivas diferentes (e porque facilita imenso a interpretação teatralizada), às vezes vários intérpretes estão envolvidos num evento. Eles entram na cena inesperadamente, representando diferentes personagens e inspirando e envolvendo os participantes neles próprios e nos seus temas.

Como a interpretação teatralizada pode ser muito mais exigente do que uma visita interpretativa, ela não é tratada neste curso básico de guias interpretativos.

# Aceitar as interferências

*Disturbances take precedence.*

Ruth Cohn

## Compreender os incidentes como oportunidades

A atenção dos participantes está frequentemente no seu máximo quando acontece algo que obviamente não estava planeado. Estas surpresas ficam permanentemente na memória e são, assim, uma forma eficaz de aprender – se as oportunidades forem aproveitadas. É importante, portanto, compreender que as intrusões são oportunidades para um envolvimento mais profundo. Claro que isto não significa que não há necessidade de planejar uma visita interpretativa. Enquanto os participantes apreciam um intérprete que sabe lidar com incidentes, tudo muda rapidamente se se tornar aparente que esses incidentes resultaram de uma falta de preparação.

## Envolver o inesperado

As interferências frequentemente surgem dos fenómenos; seja algo que não está no lugar certo (por exemplo, um objeto que foi removido de uma exposição), ou algo que foi adicionado (por exemplo, um pássaro raro aparece inesperadamente durante uma visita). As condições atmosféricas também são sempre boas para surpresas. Aqui, mais uma vez, os temas podem expandir o seu efeito: o desafio é combinar o imprevisto com o tema, o que, com alguma prática, pode ser alcançado mais frequentemente do que o esperado.

No entanto, é crucial lembrar que o nosso ás de espadas no baralho é a experiência imediata do elemento de património. Se algo foi removido, o guia interpretativo não o deve mencionar como se ainda lá estivesse, mas sim relembrar o tema e interpretar a nova situação ou mudar para outro fenómeno que seja suportado por esse mesmo tema.



### Exercício: Reagir a surpresas

Todos os membros do grupo, exceto três, vão para um local onde não conseguem ver nem ouvir os outros. Dois dos que ficaram começam a encenar com palavras e gestos apropriados uma cena escolhida (p. ex. cortar o tronco de uma árvore com uma serra). O terceiro membro atua como diretor de palco, batendo palmas assim que a cena se torna **empolgante. Nesse momento, os atores ficam em “estátua”**. Outro membro do grupo entra na cena, substituindo um dos atores e assumindo a sua posição exata, enquanto o ator **substituído se torna o público**. O **“realizador”** bate palmas outra vez e o novo par começa a encenação. A regra mais importante é que a pessoa que se junta toma a iniciativa, e a outra que já lá estava reage. Se a pessoa nova entender a cena de qualquer outra forma (p. ex., bombear um pneu de bicicleta em vez de cortar uma árvore), a peça toma um rumo diferente. Quando todos tiverem tido a sua vez, recordamos todas as cenas.

the scene in another way (e.g. pumping up a bicycle tyre instead of cutting a tree), the play takes a different course. When all participants had taken part, we recall all the scenes.

## Aceitar interferências do grupo

Interferências podem resultar de debates com participantes que são (ou pensam ser) mais entendidos do que o intérprete ou que discordam com o que foi dito. Embora devamos geralmente convidar os participantes a contribuir pelas razões supramencionadas, torna-se difícil se as mesmas pessoas precisam de adicionar algo ou contradizer quase tudo o que dizemos. Uma forma de lidar com isto é dar-lhes algum espaço, recebendo-os como parceiros sem perder o papel de guia. Se isto não ajudar, pode-se perguntar ao grupo se eles pretendem aprofundar o debate ou continuar a visita.

Lidar com conflitos não faz parte deste curso, mas, mais uma vez, em alguns países a gestão de conflitos é alvo de ações de formação e, se possível, essa oportunidade deve ser aproveitada.

## Reconhecer obstáculos

No uso mais familiar da palavra, interpretação significa traduzir a linguagem do fenómeno, o emissor, para a linguagem do ouvinte, o recetor. Isto pode ser dificultado por vários fatores:

- ⇒ barreiras internas:  
atitude negativa, falta de informação, limitação intelectual
- ⇒ barreiras externas:  
auxílios ou dispositivos inadequados ou ausentes
- ⇒ barreiras de comunicação:  
problemas de linguagem, mal-entendidos

De acordo com esta perspetiva, a ideia de procurar por um acesso sem barreiras entre participantes, fenómenos e intérpretes, e de superar barreiras existentes, não se limita a pessoas normalmente descritas como portadoras de deficiência. Nomeadamente, o exemplo mais óbvio de acesso limitado é partilhado por pessoas que necessitam de cadeira de rodas, bem como pessoas que empurram carrinhos de bebé. Na Europa Central, estima-se que 40% de todos os visitantes de locais de património apresentam limitações de uma maneira ou de outra (por exemplo, dificuldades em ver, ouvir ou caminhar), e, com o aumento da idade média da nossa sociedade, este número está a aumentar. No campo, as pessoas mais idosas muitas vezes não conseguem de todo caminhar confortavelmente uma vez que não há lugares para se sentarem ou casas de banho, numa curta distância. Pessoas que se mudaram recentemente para um país podem apresentar dificuldades linguísticas e culturais. Apesar de muitas pessoas serem obviamente portadoras de deficiência visual, as que são portadoras de deficiência auditiva formam um grupo ainda maior – e muitas vezes passam despercebidas.



Exercício: Proporcionar experiências sensoriais invulgares  
Separamo-nos em dois grupos. Ambos os grupos preparam uma conversa interpretativa sobre o mesmo fenómeno. Numa situação, os participantes usam vendas nos olhos; na outra situação, usam tampões para os ouvidos. Cada grupo atua à vez como sendo o grupo visitante do outro. Este exercício funciona melhor se o grupo visitante não conhecer de todo o fenómeno. Estaria bem se os membros desse grupo fossem mesmo portadores de deficiência. Associações para pessoas portadoras de deficiência são boas e muitas vezes parceiras cooperativas nesta problemática.



## Oferecer acessibilidade

Acessibilidade significa que as circunstâncias permitem que todas as pessoas façam coisas sem ajuda de alguém (a não ser empurrar uma cadeira de rodas ou orientar ligeiramente uma pessoa cega). Planear uma visita interpretativa acessível a todos pode incluir a oferta de oportunidades para descansar e a criação de trilhos sem obstáculos, em vez de um trajeto especial para pessoas portadoras de deficiência. O mesmo se aplica a participantes portadores de deficiência auditiva (por exemplo, falar devagar e claramente) ou de deficiência visual (por exemplo, prestar atenção à distância e ao contraste). É sempre útil descrever a mais do que a menos, pedir feedback e encorajar o uso de pelo menos dois sentidos quando se planeia qualquer atividade (por exemplo, observar e tocar num artefacto).

Garantir conversas frequentes com pessoas portadoras de deficiência deve ser um objetivo de qualquer intérprete, para que este possa lidar com elas como com todos os outros.

# Expandir o horizonte

*O nosso maior desafio neste novo século é pegar numa ideia que parece ser abstrata - desenvolvimento sustentável - e transformá-la em realidade para todas as pessoas do mundo.*

Kofi Annan



## Compreender a sustentabilidade

Desde a Cimeira da Terra das Nações Unidas, realizada em 1992 no Rio de Janeiro, a sustentabilidade tornou-se num princípio mundial. Desenvolvimento sustentável significa, especialmente para as nações industrializadas, retrair para os limites impostos pelo nosso ambiente natural. Isto é essencial para garantir que as gerações futuras possam viver as suas vidas com dignidade. Mas desenvolvimento sustentável também significa tomar medidas respeitantes à justiça global que é um problema na nossa geração presente – por exemplo, não explorar mão-de-obra barata noutras partes do mundo. Aprender para a sustentabilidade é uma condição prévia para enfrentar os desafios da transição para uma sociedade que respeita estes objetivos cruciais. Como embaixadores do nosso património, devemos ter a intenção de contribuir para isso.

## Reconhecer padrões de desenvolvimento insustentável

Uma forma de integrar os princípios do desenvolvimento sustentável numa visita interpretativa é – além de exemplos positivos – identificar fenómenos que representam padrões de desenvolvimento insustentável que são globalmente válidos e que têm um elevado valor de reconhecimento. O Conselho Consultivo Alemão para as Alterações Globais (WBGU, na sigla em alemão) definiu 16 destes padrões.

Três padrões de desenvolvimento insustentável

### Síndrome de Sobre-exploração

Os ecossistemas naturais de uma paisagem são sobre-explorados.

- ⇒ exemplo na América do Sul: desflorestação da floresta tropical da Amazônia
- ⇒ exemplo na Europa: pesca excessiva no Mar Mediterrâneo

### Síndrome de Katanga

Uma paisagem é empobrecida em recursos importantes tornando-se numa extensão árida.

- ⇒ exemplo em África: extração de cobre, cobalto e urânio no Congo
- ⇒ exemplo na Europa: extração de lenhite em Brandenburg (Alemanha)


### Síndrome de Turismo em Massa

Uma paisagem é destruída para fins recreativos.

- ⇒ exemplo na América do Sul: espécies exóticas são introduzidas nas Ilhas Galápagos
- ⇒ exemplos na Europa: património ameaçado em Nessebar e em Mont Saint Michel

Os padrões relacionam-se sempre com a natureza e com a cultura, bem como com as dimensões ecológicas, sociais e económicas. Através de imagens, histórias e parábolas, estruturas interligadas tornam-se memoráveis. Imagens fortes são, por exemplo, os navios situados no deserto que estavam, até 1960, situados no Mar de Aral que costumava ser um dos quatro maiores lagos da Terra (Síndrome do Mar de Aral). Imagens fortes são também os inúmeros esqueletos em redor de poços secos na zona de Sahel, onde as pessoas foram encorajadas a criar rebanhos maiores escavando poços mais profundos, o que destruiu enormes áreas devido ao sobrepastoreio e, ao mesmo tempo, diminuiu o fornecimento de água subterrânea (Síndrome de Sahel).

No entanto, se os nossos participantes são inspirados a envolver-se com estes tópicos e a expandir os seus horizontes de preocupações locais para globais, haver uma ligação forte entre estes padrões e o fenómeno selecionado no local, é um requisito importante.

 Conselho Consultivo Alemão para as Alterações Globais (WBGU)

**Mundo em Transição: O Desafio da Investigação. Berlim (1996)**

Download gratuito em: [www.wbgu.de](http://www.wbgu.de)



## Determinar fenómenos chave da sustentabilidade

De forma a tornar a sustentabilidade acessível numa visita interpretativa, é importante encontrar pelo menos um fenómeno ao longo do trajeto planeado que inclua todos os diferentes aspetos da sustentabilidade.

# Tornar relevante a sustentabilidade

Exercício: Detetar um fenómeno chave de sustentabilidade

1. Quão significativo é o fenómeno como fenómeno chave?

Até que ponto abrange	0	+	++	+++
a proteção de recursos naturais?				
a igualdade na partilha de recursos naturais?				
o uso cuidadoso de recursos naturais?				
ação futura?				
a situação noutros países?				

2. Revela conhecimentos surpreendentes em relações escondidas?

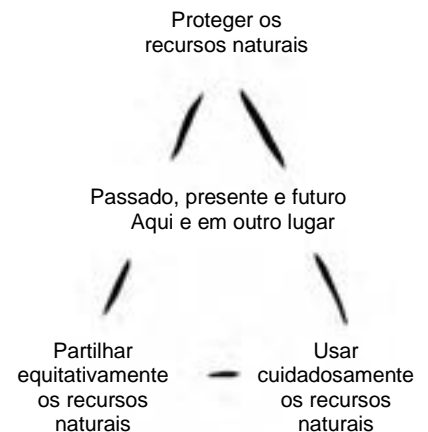
3. Pode ser apoiado por valores universais e imagens memoráveis?

4. Há um tema que torne memorável a complexidade da imagem?

5. Este tema é significativo para os participantes no seu próprio mundo?

6. O tema é empolgante para os participantes, mesmo se trata de outros continentes?

7. Este tema desafia os participantes a repensar o seu próprio comportamento?



Exemplos de fenómenos chave para a sustentabilidade (ver também pág. 35)

Sustentabilidade: Um celeiro medieval numa aldeia

O celeiro representa a ideia de armazenar e partilhar alimentos básicos, e de guardar as sementes para semear no ano seguinte; isto ainda pode ser observado em muitos países.

Tema: Durante séculos este celeiro representou o espírito da sustentabilidade.

Insustentabilidade: O local de um forno histórico de carvão na floresta

Fornos de carvão, a trabalhar em condições deploráveis, frequentemente esgotavam a madeira da floresta enquanto os lucros da venda de carvão eram obtidos em lugares distantes.

Hoje, muitas pessoas em África e na Ásia trabalham nestas condições.

Tema: Nesse local, as pessoas e a natureza sofreram para benefício de mercados distantes.

## Há também uma forma sustentável de aprender

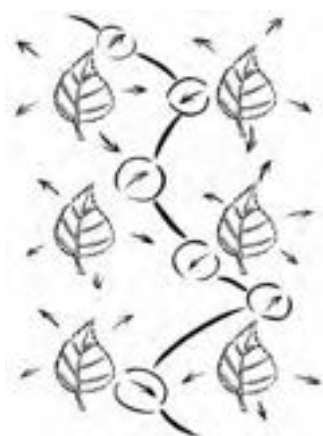
Uma vez que aprender para a sustentabilidade tem muito a ver com valores, o modo de lidar com os participantes e com os fenómenos desempenha um papel fundamental. A interpretação do património apoia esta maneira de aprender orientada para valores. Os aspetos seguintes já foram explicados neste manual:

- ⇒ acompanhar os participantes em vez de os instruir (pág. 13)
- ⇒ mergulhar no mundo dos participantes (pág. 16)
- ⇒ envolver a pessoa como um todo (pág. 17)
- ⇒ dar significado ao fenómeno do ponto de vista dos participantes (pág. 18)
- ⇒ desenvolver conceitos universais (pág. 19)
- ⇒ compreender incidentes como sendo oportunidades (pág. 22)
- ⇒ captar interferências vindas do grupo (pág. 22)
- ⇒ capacitar os participantes a encontrar o seu próprio acesso (pág. 23).
- ⇒ Embora a sustentabilidade seja um assunto sério, é importante ter em mente que qualquer interpretação resulta melhor quando é um processo agradável.

# Relacionar fenómenos

... por ele passa um fio vermelho que não pode ser extraído sem desfazer o todo.

Johann Wolfgang von Goethe



## Conversa interpretativa

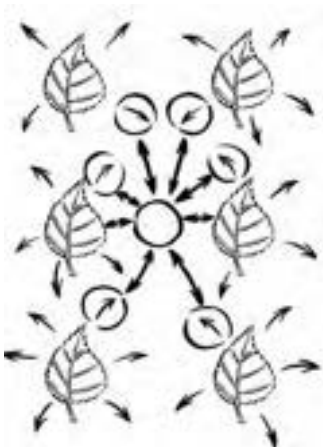
- ⇒ ocorre num único local
- ⇒ lida apenas com um fenómeno
- ⇒ usa apenas um tema

## Visita interpretativa

- ⇒ relaciona vários fenómenos
- ⇒ apresenta um tema principal e um tema para cada fenómeno
- ⇒ segue uma linha temática

## Interpretação itinerante

- ⇒ apresenta diversos fenómenos e temas
- ⇒ seleciona de acordo com oportunidades
- ⇒ desenvolve-se sob um tema principal dentro de um tema circular



## Apresentar o tema principal

Até agora, este manual tem sido sobre conversas interpretativas: a ligação entre um único fenómeno e o seu tema ao mundo dos participantes. Planear uma visita interpretativa significa ligar diversos fenómenos uns aos outros; e isso requer um tema principal. Enquanto um tema se refere sempre a um fenómeno que pode ser experienciado num local específico, o tema principal é mais geral. Um tema principal relacionado com o tópico “Primavera na planície aluvial” pode ser, por exemplo, “Após um longo descanso, a vida na planície aluvial volta à luz” – se tal realmente puder ser experienciado por fenómenos significativos no local.

## Criar um tema linear

Um tema linear representa uma estrutura linear. Esta enumera por uma ordem fixa todos os temas relacionados com um fenómeno singular sob o título de um tema principal, por exemplo:

---

Tema principal: Durante séculos, a produção de cerejas moldou o aspeto deste vale.

---

1. O sustento da aldeia era esta avenida de cerejeiras.
  2. Este pomar criou o seu próprio clima.
  3. Sem um porta-enxerto bruto não poderia haver frutas delicadas.
  4. Sob as cerejeiras, as abelhas iniciam novas linhas de produção.
  5. O celeiro de frutas inclui tudo para manter a colheita segura durante o inverno.
  6. O tempo deixou para trás esta cerejeira.
- 

Todos os temas associados aos fenómenos sublinhados são sustentados por alguns factos que são apoiados, por exemplo, por pontes de comunicação ou questões abertas. Um exemplo para a elaboração sistemática do tema 6 pode ser encontrado na página 35.

Dentro do tema linear, os temas desenvolvem-se uns sobre os outros e os pontos altos são organizados de forma a ter mais impacto. Uma vez que na natureza nem tudo é previsível, isto é mais fácil acontecer em contextos culturais. Em meios naturais, os fenómenos podem até ser ignorados quando estes se desviam do tema-linear.

## Criar um tema circular

Uma maneira de fugir à estrutura linear do tema linear é permanecer com os participantes numa área muito limitada, rodeada por vários fenómenos que sustentam o tema principal. Isto é chamado um tema-circular. Dentro do tema circular não há uma ordem estabelecida pela qual os fenómenos têm de ser visitados. A ordem surge a partir de fenómenos (por exemplo, pássaros) que surgem inesperadamente ou da conversa com os participantes. Para se preparar para uma experiência tão dispersa, o intérprete tem de se familiarizar com todos os fenómenos ao seu redor e ter em mente os temas apropriados.

Fazer uma visita com base num tema-circular é também chamada interpretação itinerante. Esta pode ser considerada o nível mais elevado dos guias interpretativos. Não pode ser ensinada num único curso, mas é sobretudo fruto do conhecimento e da experiência do intérprete. É usada em locais notáveis com um público em constante mudança, em vez de em visitas interpretativas normais.

É tentador evitar o desafio de seguir uma estrutura linear, sendo preferível a abordagem mais liberal da interpretação itinerante. No entanto, encorajamos todos os guias interpretativos a seguir primeiro o processo linear, previamente construído, para se habituarem a todas as ferramentas da interpretação pessoal.

## Criar guiões com cartões-tema

Uma boa maneira para desenvolver e reorganizar apropriadamente as visitas interpretativas é criar um cartão didático para cada fenómeno, por exemplo, um cartão didático para o tema 6 (pág. 26) pode ter o seguinte aspeto:

Árvore de fruto ameaçada

**Tópico:** Mudança do uso do solo

**Facto 1:** Em tempos, o pomar chegava até ao topo da colina.

- ⇒ respeito pelo trabalho dos outros
- ⇒ descrição, fotografia histórica
- ⇒ Onde é que o pomar acaba? Quão fácil era obter a fruta?
- ⇒ formação didática, usar fotografia

**Facto 2:** Os plátanos estão a exterminar as cerejeiras.

- ⇒ lamentar pela cerejeira, respeitar a natureza
- ⇒ mudar as perspetivas, análise
- ⇒ De que forma as árvores diferem uma da outra?
- ⇒ formação de tarefa individual

**Facto 3:** A fruta que cresceu aqui, também foi usada aqui.

- ⇒ compreender o contexto
- ⇒ narrar (memória de infância)
- ⇒ De onde vem a nossa fruta? Quais são as (des)vantagens?
- ⇒ formação de conferência

O tempo deixou para trás esta cerejeira.

Nas linhas abaixo de cada um dos factos na parte central do cartão didático, estão enumerados possíveis significados, pontes de comunicação, perguntas e formações. O fenómeno é mencionado no topo, o tema na parte inferior.

À esquerda mantém-se uma margem maior. Se agora pusermos os cartões-tema que seleccionámos para a nossa visita interpretativa numa calha de forma que apenas o tema na parte inferior fique visível, é possível reconhecer e seguir o tema-linear com um único olhar.

## Memorizar atividades relacionadas com fenómenos individuais

Durante uma visita interpretativa, naturalmente que nenhum intérprete vai olhar para anotações num guião. E como já foi referido, dentro das conversas interpretativas não seguir uma ordem fixa de atividades é uma prioridade. Então, como podemos memorizar todos estes diferentes pontos?

A maior parte de nós geralmente memoriza imagens e cores muito mais facilmente do que palavras e números. Logo, ajuda quando desenhamos todos os elementos num mapa mental (ver pág. 37). O mapa pode ser a capa do guião.

Exercício: Desenvolver um mapa mental

Escrevemos o tema principal numa nuvem no centro de uma grande folha de papel. Os temas individuais são organizados de forma que possam ir em qualquer direção a partir da nuvem. Mais nada é escrito no papel. Começamos a desenhar os fenómenos e tudo o que gostamos de usar ou fazer relacionado com eles, em cores fortes, à volta dos temas correspondentes (por exemplo, cheirar ervas, usar uma ferramenta, personagens de uma lenda que gostamos de contar). Uns dias antes da nossa visita interpretativa, colocamos esta folha num local onde possamos olhar para ela frequentemente em momentos sossegados. Ao fazê-lo, as imagens e a relação entre elas vêm mais rapidamente à nossa mente durante a visita e não somos tentados a segui-las numa ordem fixa – o que nos dá a possibilidade de conversar com os nossos participantes.



# Planear e memorizar seqüências

Genialidade é a habilidade de reduzir o complicado ao simples.

Curt Wilhelm Ceram



## Notas práticas

Este manual foca-se na metodologia de conversas e visitas interpretativas. No entanto, todos os aspetos de aprendizagem têm também um contexto organizacional que será abordado nas páginas seguintes.

Antes de uma visita interpretativa, deve-se confirmar onde e quando esta irá decorrer. Não é aconselhável fazer visitas interpretativas imediatamente a seguir ao almoço, uma vez que a essa hora os níveis de concentração normalmente estão muito baixos. Se as instalações a visitar nem sempre estão abertas ao público, deve ser confirmado o horário de funcionamento e, se necessário, devem ser tomadas providências. Dentro de edifícios, temos de verificar as normas de segurança, onde se localizam as casas de banho e quem deve ser contactado para ajudar, por exemplo, em caso de acidente. Em geral, todas as autorizações devem ser obtidas e todo o percurso deve ser percorrido antes da visita ser divulgada.

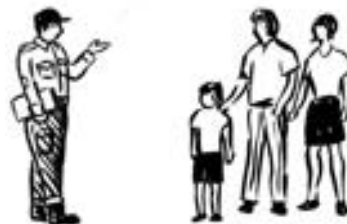
A divulgação da visita interpretativa via imprensa, folhetos, internet, etc., deve usar um título ou *slogan* apelativo e uma descrição breve e inspiradora com algumas observações sobre o local. Esta divulgação deve explicitar o ponto de encontro, bem como a data e hora do início e do fim do percurso. No exterior, o ponto de encontro é normalmente num parque de estacionamento, perto de transportes públicos. Datas e horas devem ser coordenadas com estes últimos, e sugestões adicionais relacionadas com o nível de dificuldade e qualquer roupa ou equipamento necessário devem ser dadas. Deve ser claro se a visita irá ou não decorrer com quaisquer condições meteorológicas e que equipamento é necessário. Quando, por exemplo, forem visitados desfiladeiros, grutas ou catedrais, mesmo no verão pode ser necessário roupa mais quente. Quando uma visita é sempre guiada pela mesma pessoa, o seu nome e contato podem ser adicionados à divulgação.

A extensão e a duração da visita interpretativa devem ser escolhidas de forma que a visita não se torne numa longa caminhada. Isto normalmente não é um problema num ambiente fechado, mas pode-se tornar num problema em locais exteriores. Um circuito exterior não deve demorar mais do que duas horas a completar, e a distância a cobrir entre um fenómeno e o outro deve durar menos de dez minutos, para manter a atenção dos participantes. Onde possível, atalhos devem ser ponderados com antecedência. O guia necessita de reunir os participantes em intervalos frequentes, de forma a verificar a presença de todos.

Uma dimensão de grupo não superior a 15 participantes (dependendo da instalação) é o melhor para interpretação pessoal, uma vez que assim podem ser estabelecidas relações pessoais baseadas no diálogo. Quanto maior for o grupo, menor será a possibilidade de haver participação real. Se for anunciado um grupo maior, faz sentido envolver mais do que um guia, de forma a manter a qualidade num nível aceitável.

Antes do início, o guia deve estar visível no ponto de partida. Isto é especialmente importante em locais com muita gente em cidades ou em museus, permite ir fazendo uma introdução dos procedimentos e dá aos participantes uma sensação de segurança. O mesmo se aplica a uma visão geral do circuito e também ao anúncio do ponto de encontro (ou ponto de chegada) que deve ser fácil de encontrar no caso de alguém se perder. Além de qualquer equipamento de emergência (especialmente no exterior), deve ser levado telemóvel se houver rede disponível durante a visita. O número de participantes e – em visitas em terrenos complicados – o seu equipamento, bem como possíveis limitações físicas, devem ser também verificados antecipadamente.

No início, e depois do guia se apresentar ao grupo de uma forma amigável e acolhedora, uma breve sessão de apresentações pode também proporcionar uma visão geral dos participantes e dos seus interesses. Neste ponto, podem ser tidas em mente expectativas e podem ser feitas referências posteriormente. O início deve tornar os participantes curiosos. Não deve revelar demasiado, mas deve-se deixar claro sobre o que será a visita interpretativa. Antes que o grupo efetivamente se comece a mover, o trajeto deve ser descrito e devem ser salientadas questões de saúde e segurança necessárias, bem como desafios particulares e regras; por exemplo, onde os objetos podem ser tocados e onde se pode sair do percurso. Todos os avisos devem ser feitos de uma forma séria, mas também positiva e despreocupada, e não devem demorar muito tempo.



Durante a visita, o ritmo deve ser adaptado ao dos membros mais lentos do grupo. As conversas interpretativas em cada ponto não devem demorar mais do que dez minutos e a duração total não deve ser prolongada a não ser que seja acordado pelo grupo. Se tópicos cruciais foram abordados com apenas alguns dos participantes entre pontos de paragem, o guia deve referir-se a eles (ou pedir a esses participantes para o fazerem) na próxima paragem, de forma a garantir que os participantes não fiquem com a sensação de que perderam algo importante. Durante as visitas, os participantes habitualmente gostam de tirar fotografias e ficam agradecidos quando são informados acerca de objetos especiais ou dos melhores locais para fotografia. Atuar como fotógrafo é mais um dos papéis comuns de qualquer guia.

O final da visita deve proporcionar uma experiência especial com uma conclusão clara em termos do tema principal, unindo todas as pontas soltas. Eventos e incidentes podem ser lembrados e deve ser expresso um agradecimento pela atenção e pelas contribuições dos participantes. Tudo isto deve ser feito num local relativamente sossegado, onde todos os participantes possam focar-se uns nos outros e no guia, antes que o grupo se comece a dispersar.

#### Usar amplificadores de áudio durante atividades interpretativas

Originalmente, os sistemas de áudio só eram utilizados quando o guia e o grupo estavam sentados e em viagem, por exemplo, em autocarros, comboios ou barcos. Embora seja desafiante para um guia turístico num autocarro abranger todas as qualidades de um intérprete, algumas excursões em barcos ao longo de rios, ou em barcos com fundo de vidro sobre recifes, proporcionam muito boas oportunidades para discursos interpretativos; e cobrir o barulho de fundo de um motor por meio de um altifalante pode fazer sentido.

Em alguns locais, tornou-se comum utilizar colunas, portáteis ou fixas, para conversas interpretativas. No entanto, são raros os casos onde as condições exigem usar altifalantes para cerca de 15 pessoas – e se nos dirigirmos a muito mais pessoas (como nos anfiteatros em alguns parques nacionais) não são possíveis nem experiências em primeira mão nem diálogos. Ao aumentar o número de participantes, diminuem as oportunidades interpretativas.

À medida que o desenvolvimento tecnológico avança, tornam-se possíveis soluções onde o guia utiliza um microfone enquanto todos os participantes levam consigo recetores e auriculares. Isto dá muito mais flexibilidade aos membros do grupo e pode fazer sentido onde muitos guias operam no mesmo local (p. ex., em locais com vistas excecionais com espaço limitado), onde está muito barulho (p. ex., em locais industriais de património), ou onde os guias devem falar baixo (p. ex., em igrejas). No entanto, ao usar um destes sistemas sem fios, por exemplo, durante uma visita através de uma cidade antiga, pode-se tornar difícil organizar os grupos, uma vez que os participantes passeiam individualmente num raio de 50 metros – onde estão rodeados por muitas outras atrações.

Como acontece com todos os dispositivos tecnológicos, o guia interpretativo deve verificar cuidadosamente onde é que o uso destes é realmente favorável, e em que ponto é que a perda de qualidade da visita se torna demasiado elevada.

# Avaliar uma visita interpretativa



## Pedir a um colega para avaliar a visita

Para melhorar a metodologia das visitas interpretativas, mesmo fora do contexto de um curso estruturado, recomendamos o *coaching* entre colegas, incluindo subsequentes conversas sobre avaliação. A crítica interpretativa, onde colegas se acompanham uns aos outros, proporciona uma excelente situação vantajosa para todos, uma vez que ambos os lados aprendem com o processo interpretativo, bem como com o processo de avaliação. Um *coach* pode também atuar como sendo os ouvidos do intérprete, ouvindo os comentários dos participantes durante a visita. No entanto, para ter sucesso, o intérprete e o *coach* devem estar familiarizados com os critérios de avaliação (ver pág. 36).

## Comunicar a monitorização

Mesmo que seja para avaliar apenas uma conversa interpretativa, faz sentido acompanhar toda a visita. Uma razão para tal é compreender melhor o contexto, a outra razão reside no facto de os participantes normalmente ficarem mais distraídos com a presença de um observador no início. Assim, a primeira parte da visita normalmente não é muito representativa. O acompanhamento na visita deve ser comunicado no início, uma vez que um *feedback* profissional é dificilmente possível sem tomar notas. O melhor será o *coach* comportar-se como se fosse um participante. O intérprete e o *coach* não devem falar um com o outro durante a visita.

## Usar câmaras sensatamente

Durante o curso, câmaras de vídeo podem ser úteis – mesmo se a avaliação do vídeo demorar algum tempo. No entanto, estas geralmente não devem ser usadas para avaliar uma visita interpretativa, uma vez que para muitos dos participantes é difícil ignorar tal presença. O uso de um gravador de voz de alta qualidade pode melhorar a perceção e ajudar a relembrar situações posteriormente. Em qualquer caso, os participantes têm de concordar com todas as gravações antecipadamente.

## Documentar os resultados da avaliação

Uma sessão de avaliação, depois da visita, tem por objetivo chegar a um acordo em relação a apenas uma pequena melhoria, que o guia deve cumprir durante a próxima visita interpretativa. Por razões de termos de responsabilidade, este acordo pode ser escrito e assinado por ambas as partes no verso da ficha de avaliação que fica com o guia. Caso contrário, se tal não for acordado, a conversa sobre a avaliação é confidencial. Esta deve ocorrer num local tranquilo, onde o guia será questionado primeiro acerca das suas próprias perceções. O *feedback* deve ser dado maioritariamente na forma “eu” (evitando “tu fizeste...”), usando descrição em vez de avaliação, e apontando primeiro os aspetos positivos. A crítica deve sempre ser feita de uma forma amigável, apreciativa e construtiva, dando ao guia o poder para melhorar as suas competências. Uma vez que a interpretação é uma espécie de arte, muitas vezes as coisas podem ser vistas de um modo diferente.

### Passos da crítica interpretativa

1. Como considerou a sua interpretação?  
O que acha que correu mesmo bem?  
Onde vê oportunidades para melhorar algo?
2. Achei que foi bom quando...  
Ainda vejo possibilidade de melhorar...
3. Que objetivo claro tem para melhorar a sua próxima visita?

# Como proceder?

O curso ou módulo de formação para guias interpretativos fornece uma boa base para fortalecer a relação entre um público geral não formal e um local de património, ou uma coleção de objetos de património, incluindo um jardim, um zoológico ou um museu. No entanto, um curso ou módulo de 40 horas é demasiado curto para permitir uma experiência completa, e há muitos aspetos que apenas podem ser brevemente abordados. Assim, recomendamos assistir a ações de formação adicionais. Em países diferentes, existem entidades diferentes e direções diferentes em que estas ações acontecem. Esta página irá dar algumas dicas sobre o que pode procurar.

## Interpretação

- ⇒ interpretação itinerante
- ⇒ interpretação teatralizada
- ⇒ monitorização e avaliação

## Comunicação

- ⇒ competências em comunicação e retórica
- ⇒ resolver conflitos
- ⇒ improvisação

## Público-alvo

- ⇒ crianças
- ⇒ jovens
- ⇒ comunidade local
- ⇒ pessoas portadoras de deficiência



Dependendo da área de trabalho, há outros públicos-alvo que podem ser significativos em cada contexto. Além disso, é necessário dar especial atenção às exigências de educar para a sustentabilidade. Há alguma oferta de cursos nessa área por várias entidades, como organizações não governamentais. É importante identificar a formação para competências que apoiam as quatro qualidades da interpretação mencionadas na página 10 deste manual (os “quatro ases”).

Apesar das áreas de trabalho dos guias interpretativos serem geralmente alvo de programas de formação, uma grande parte do nosso sucesso baseia-se na abertura que possuímos para conhecer os nossos participantes, em como estamos familiarizados com o local onde trabalhamos como embaixadores. Tornar-se mais familiarizado não significa apenas saber mais factos, mas também saber experienciar continuamente o local. Não nos sentimos em casa na nossa sala de estar só porque sabemos muito acerca do material de que é feita a nossa mobília. “Casa” é um conceito que não pode ser descrito apenas por factos. Para tornar o nosso local a nossa “casa”, devemos “viver” lá. E para os guias interpretativos, este é um dos motivos pelos quais os exercícios no local são a melhor chave para o sucesso.

Há várias décadas que o conceito de interpretação do património tem, muitas vezes, dado provas da sua eficácia. No entanto, mesmo em grandes espaços exteriores, em cidades, paisagens culturais ou nas últimas áreas selvagens europeias, não há garantia de sucesso. Tal como acontece na pesca, caça ou colheita de cogumelos, o imprevisível faz parte essencial da atração.

No final, é o resultado de todos os pequenos sucessos e fracassos que constitui o que chamamos de experiência. É isto que nos torna ricos.

*A interpretação é uma viagem de descoberta no campo das emoções humanas e do crescimento intelectual, e é difícil prever quando o intérprete pode afirmar com confiança: “Agora estamos totalmente à vontade na nossa tarefa”.  
adequate to our task.”*

Freeman Tilden





## Desenvolver e melhorar uma conversa interpretativa

Para uma conversa interpretativa com cerca de dez minutos, esta secção de anexos inclui:

- ⇒ uma ficha de trabalho
- ⇒ uma ficha de exemplo
- ⇒ uma ficha de avaliação

A elaboração da ficha de trabalho pode ser feita tendo em conta os passos enumerados abaixo; os números entre parênteses indicam a página do manual em que está explicado cada termo sublinhado:

1. Procurar um fenómeno apelativo (pág. 14 e 15) relativo a um tópico específico (pág. 26).
2. Desenvolver um tema apropriado para este fenómeno (pág. 18 e 19).
3. Seleccionar três factos (pág. 18) relacionados com o fenómeno que apoiem o tema e incluam um significado profundo para os participantes (pág. 18).
4. Considerar que pontes de comunicação (pág. 14 a 16) podem ser usadas para dar vida aos factos.
5. Considerar como se pode envolver os participantes através de questões abertas (pág. 17) e adereços (pág. 21).
6. Pensar sobre formações apropriadas para os grupos (pág. 20) e onde o fenómeno oferece uma revelação emocionante (pág. 17).

Numa conversa interpretativa de uma visita guiada, a ficha de avaliação pode ser usada em conjunto com coaching entre colegas, como base para a sessão de avaliação. Informações sobre esta avaliação encontram-se na página 29.

A avaliação prática para a certificação deste curso é baseada na ficha de avaliação. O preenchimento da ficha de trabalho pode ser muito útil para explorar os diferentes elementos e encontrar ideias. No entanto, o diálogo com os participantes é essencial, a lista de factos na ficha não interessa, e, desde que o tema seja óbvio, nem todas as ideias precisam de ser implementadas.

Muitos intérpretes consideram útil elaborar a ficha de trabalho para praticar. Intérpretes que tendem a ser mais criativos devem forçar-se a preencher a ficha pelo menos uma vez. Intérpretes que tendem a ser muito organizados, não devem limitar-se a apenas uma rotina. Uma visita interpretativa é uma obra de arte. Torná-la demasiado estruturada ou adicionar demasiadas coisas pode estragá-la.

## Pequena consideração sobre mapas mentais

Na página 37 dos Anexos, está incluído um exemplo de um mapa mental com vista a visualizar e desenvolver uma tabela de conteúdos para uma visita interpretativa (ver pág. 27). É de notar que este mapa mental está mais relacionado com imagens do que com palavras; e na realidade o original é uma versão muito colorida. Tente evitar mapas mentais que consistem maioritariamente em palavras. Para além da organização de informação, a ideia básica de um mapa mental é que uma constelação de imagens pode ser lembrada muito melhor do que uma constelação de palavras. Reduzir o seu mapa mental a palavras-chave significaria desperdiçar muito do seu potencial.

# Ficha de trabalho: conversa interpretativa

A ordem dos factos não é fixa, e no final não precisam de ser usadas todas as pontes de comunicação e questões abertas. Mas é importante que o tema permaneça à vista.

fenómeno	tópico	tema (uma frase completa, que neste caso contém um conceito universal)

O tema é o “ farol” para o qual você se dirige. Os seus factos apoiam o seu tema e podem ser experienciados no local.

1. facto (uma frase)	significado (ele conceito)	pontes de comunicação	questões abertas	formação/adereços

2. facto (uma frase)	significado (ele conceito)	pontes de comunicação	questões abertas	formação/adereços

3. facto (uma frase)	significado (ele conceito)	pontes de comunicação	questões abertas	formação/adereços

O fenómeno nesta ficha de exemplo é uma velha cerejeira que é prejudicada por um plátano muito alto, uma vez que o antigo pomar está a ser sufocado por uma floresta espontânea.

## Ficha de exemplo: conversa interpretativa

fenómeno	tópico	tema (uma frase completa, que neste caso contém um conceito universal)		
árvore de frutos ameaçada	mudança do uso do terreno	O tempo deixou para trás esta cerejeira. (conceito universal: mudança, isolamento)		
O tema é o “ farol” para o qual você se dirige. Os seus factos apoiam o seu tema e podem ser experienciados no local.				
<b>1. facto (uma frase)</b>	<b>significado (suscita...)</b>	<b>pontos de partida</b>	<b>questões abertas</b>	<b>formação/adereços</b>
Em tempos, o pomar chegava até ao topo da colina.	respeito pelo trabalho dos outros	descrição, fotografia histórica	Onde é que o pomar acaba? Como é fácil obter a fruta?	formação didáctica, usar fotografia
<b>2. facto (uma frase)</b>	<b>significado (suscita...)</b>	<b>pontos de partida</b>	<b>questões abertas</b>	<b>formação/adereços</b>
Os plátanos estão a exterminar as cerejeiras.	Lamentar a cerejeira, respeitar a natureza	mudar as perspetivas, análise	De que forma as árvores diferem uma da outra?	formação de tarefa individual
<b>3. facto (uma frase)</b>	<b>significado (suscita...)</b>	<b>pontos de partida</b>	<b>questões abertas</b>	<b>formação/adereços</b>
A fruta que cresceu aqui, também foi usada aqui.	compreender o contexto	narrar (memória de infância)	De onde vem a nossa fruta? Quais são as (des)vantagens?	formação de conferência

# Ficha de avaliação: conversa interpretativa

A ficha de avaliação destina-se a apoiar o processo de *coaching* entre colegas. Não tem a ver com notas e classificações. As propostas para as pontuações devem ser claras; os comentários devem ser ponderados e inequívocos.

	0	+	++	+++	Comentários
<b>1. Desempenho do guia interpretativo</b>					
O guia mostrou entusiasmo?					
As suas observações foram todas compreensíveis?					
O guia foi credível e toda a sua informação estava correta?					
O guia passou a sua mensagem de uma forma convincente?					
O guia usou consistentemente uma linguagem falada e corporal apropriada?					
<b>2. Apreciação do fenómeno</b>					
O discurso interpretativo foi, de um modo geral, focado no fenómeno?					
As características específicas do fenómeno foram realçadas?					
Os factos puderam ser todos verificados no local?					
O grupo estava numa boa formação em relação ao fenómeno?					
Houve alguma revelação interessante?					
<b>3. Integração dos participantes</b>					
Os participantes estiveram sempre todos focados na acção?					
O discurso envolveu experiências em primeira mão com o fenómeno?					
As reacções dos participantes foram encorajadas, p. ex., usando questões em aberto?					
Os participantes tiveram oportunidade de partilhar algo sobre o seu quotidiano?					
O guia foi capaz de captar contribuições vindas do grupo?					
<b>4. Traçar o tema</b>					
Havia um tema bem definido? Se "sim", diga como poderia ter sido redigido.					
Chegou ao cerne da questão?					
Factos e significados foram considerados de uma forma semelhante?					
Foram utilizadas diferentes pontes de comunicação?					
O discurso interpretativo incentivou a valorização do património directa ou indirectamente?					

Este mapa mental ilustra o tema-linear descrito na página 26. O original usa muitas cores. Para manter a imagem em mente, tente evitar palavras e mantenha o seu mapa o mais ilustrativo e colorido possível. É só para si.

## Mapa mental para uma visita interpretativa



1. Durante séculos, a produção de cerejas moldou o aspeto a paisagem deste vale.
2. O sustento da aldeia era esta avenida de cerejeiras.
3. Este pomar criou o seu próprio clima.
4. Sem um porta-enxerto bruto não poderia haver frutas delicadas.
5. Sob as cerejeiras, as abelhas iniciam novas linhas de produção.
6. O celeiro de frutas inclui tudo o que é necessário para manter a colheita segura durante o inverno.
7. O tempo deixou para trás esta cerejeira.

# Conceitos-chave para guias interpretativos

## Triângulo interpretativo (pág. 9 e 11)

Um modelo conceptual de interpretação que consiste em (1) fenómeno, (2) participantes e (3) intérprete (ou meio interpretativo) e está centrado num tema.

## Fenómeno (pág. 14 e 15)

Algo que é sensorialmente perceptível no local. É importante salientar as suas singularidades – por exemplo, a “personalidade” de uma árvore ou de um edifício em vez da sua associação a uma espécie ou a um estilo de construção.

## Tópico (pág. 26)

Classifica o fenómeno, por exemplo, como sendo “uma conífera” ou “um edifício renascentista”. Não contém uma afirmação descritiva nem dá um significado (ver abaixo) ao fenómeno individual.

## Tema (pág. 18 e 19)

É o “farol” para onde nos dirigimos. Um tema está relacionado com um significado (ver abaixo). É expresso através de uma frase completa, leva-nos frequentemente ao cerne da questão, e contém um ou mais conceitos universais (ver abaixo).

## Facto (pág. 18)

Uma afirmação factual; p. ex., “As lontras podem percorrer uma longa distância durante a noite”. Os factos devem sempre apoiar a importância do fenómeno autêntico, bem como o tema.

## Significado (pág. 18)

É como o fenómeno pode despertar uma reacção emocional nos participantes – tal como admiração, fascínio, curiosidade, espanto, tristeza, raiva. (Aqui não conta muito o contexto intelectual.)

## Conceito universal (pág. 19)

Um conceito relevante que aborda os valores e as preocupações comuns a quase todas as pessoas do mundo, tais como família, amizade, tragédia, dor, mudança, preocupação, liberdade e cativeiro, amor e ódio, vida e morte.

## Ponte de comunicação (pág. 14 a 16)

Uma ferramenta metodológica ou retórica que facilita o acesso a um dos vértices do triângulo interpretativo (ver acima). Uma experiência científica pode ser uma ponte de comunicação metodológica, enquanto uma comparação pode ser uma ponte de comunicação retórica.

## Questões abertas (pág. 17)

Trata-se de uma pergunta com uma resposta imprevisível, por exemplo, “Que lugar é que este cheiro vos faz lembrar?” ou “Como será o aspeto deste vale dentro de 50 anos?”

## Objectos-ajuda (Adereços) (pág. 21)

As atividades interpretativas podem ser apoiadas por objectos ou adereços. Estes incluem, por exemplo, fantasias, máscaras, lupas, binóculos, detetores de morcegos.

## Formação (pág. 20)

É o modo como os participantes estão organizados no local da conversa interpretativa, por exemplo, à frente do guia ou num círculo. Normalmente é melhor que o guia, os seus participantes e o seu fenómeno formem um triângulo. Mudar a formação muitas vezes causa revelações inesperadas, um elemento importante na interpretação.



Os guias trabalham em diferentes locais de interesse patrimonial: áreas protegidas, edifícios históricos, museus, jardins zoológicos e botânicos. Todos se dedicam a promover o nosso património e a procurar melhores maneiras de lidar com o nosso futuro.

Este manual é baseado na experiência de guias provenientes de toda a Europa. Contém material de preparação para as avaliações do curso de guias interpretativos certificados. As 40 horas de formação podem ser um curso independente ou um módulo de um curso mais abrangente. No âmbito do projeto HeriQ, testámos esta formação em diversos países e criámos este manual em doze línguas diferentes. Para melhorar ainda mais a qualidade dos guias interpretativos, encorajamos quem trabalha em todos os locais de património natural e cultural a experimentar este material, e a dar-nos as suas próprias sugestões para desenvolvimentos futuros.

